

## **Apontamentos Para Realizar Uma Cobertura Jornalística Em Televisão<sup>1</sup>**

Michele Negrini<sup>2</sup>

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Roberta Brandalise<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo - USP

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo refletir sobre coberturas jornalísticas em televisão. A motivação para o estudo tem bases na carência bibliográfica sobre a temática. Vamos focalizar aspectos complementares que consideramos essenciais para planejar e realizar uma cobertura televisiva, bem como, para enfrentar os problemas do sensacionalismo e da espetacularização da notícia. Compreendemos que aprofundar as discussões em torno dos aspectos que destacamos ao longo desse texto, assim como, assumir uma postura de vigilância constante a partir do que aprendemos com isso, constitui-se como uma estratégia de grande valor tanto para realizar as grandes coberturas quanto as do cotidiano.

**Palavras-chave:** comunicação; cobertura jornalística; telejornalismo; espetacularização.

### **Introdução**

No processo de levantamento de bibliografia sobre cobertura jornalística notamos que ela é mais extensa em manuais de redação de veículos de comunicação do que no meio acadêmico. Atentando para a produção científica do campo da Comunicação acerca de coberturas jornalísticas, observamos a predominância de textos nos quais são desenvolvidos processos analíticos que utilizam como objeto de estudo empírico o material produzido

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista; doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; docente da Universidade Federal de Pelotas. Membro do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTELE). E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Orientadora do curso de especialização Mídias na Educação, promovido pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP) e pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: betalise@terra.com.br.

pelos meios de comunicação de massa tradicionais acerca de um determinado evento ou tema. O *métier* do cientista leva-o a analisar esse material empírico à luz de conceitos, bem como, a confrontar esse material com princípios éticos e os mais variados contextos sociais, culturais, econômicos e históricos, sem perder de vista a complexidade e a heterogeneidade da realidade contemporânea.

Nesse sentido, compreendemos que o uso de metodologias qualitativas combinadas às quantitativas, com especial destaque para as abordagens socioculturais e a análise discursiva, constitui-se como estratégia central para a análise de coberturas jornalísticas. Entre as contribuições para o reservatório de nosso campo destacam-se, principalmente, o estudo de coberturas jornalísticas televisivas e impressas. Os estudos sobre as coberturas radiofônicas têm se mostrado mais raros do que aqueles que contemplam a televisão, os jornais e as revistas. Chamamos a atenção também para o que consideramos uma tendência recente: o crescimento do interesse em analisar a participação de mídias não tradicionais ou não massivas, tal como é o caso das redes sociais, em coberturas jornalísticas.

A partir disso, é possível afirmar que, mesmo não dispondo de uma ampla produção científica acerca de coberturas jornalísticas, nosso campo tem avançado nessa seara. Entretanto, identificamos ainda a ausência de bibliografia que utilize os recursos teórico-metodológicos da Comunicação para oferecer horizontes sobre como planejar, abordar e proceder em uma cobertura jornalística.

Essa lacuna em nossa produção científica leva a seguinte *práxis*: quando um estudante ou profissional da área de comunicação precisa de orientações a esse respeito, ele volta-se para os manuais de redação dos veículos de comunicação. Muitos desses manuais são de bastante qualidade, uma vez que sublinham a necessidade de atender a princípios éticos e de contextualizar os acontecimentos, entre outros aspectos primordiais no exercício do jornalismo. Entretanto, por mais que um veículo de comunicação se preocupe em cultivar os jornalistas que participam de sua equipe, a formação e preparo desses profissionais extrapola os limites de um manual de redação.

Considerando o panorama que apresentamos acerca do material que temos a nossa disposição sobre coberturas jornalísticas, reconhecemos a necessidade de integrarmos crítica e analiticamente os questionamentos relativos aos aspectos teórico-metodológicos do campo científico com aqueles relativos aos aspectos técnicos da profissão. Compreendemos ainda que é necessário empregar os recursos do campo da Comunicação – sem perder de

vista que a nossa área se caracteriza pela transdisciplinaridade – para iluminar conceitualmente, estrategicamente e tecnicamente a realização de uma cobertura jornalística. A fim de atender a essa demanda, nos propomos a explorar nesse artigo algumas articulações possíveis com respeito à realização de coberturas jornalísticas em televisão.

O percurso teórico deste estudo começa com a perspectiva de definição de cobertura jornalística em TV. Emerim e Brasil (2011) caracterizam uma cobertura como um trabalho de reportagem a ser realizado no local em que determinado fato ocorreu. Seguindo a classificação dos autores, as coberturas televisivas de um acontecimento, tanto as grandes coberturas como as cotidianas, podem ser retrospectivas ou prospectivas. As retrospectivas se dão a partir do próprio fato. Já as prospectivas se baseiam na provável ocorrência e permitem que as equipes se preparem para a sua realização.

Assim, o objetivo do presente artigo é fazer uma reflexão teórica sobre as coberturas jornalísticas em televisão, enfatizando alguns cuidados que o repórter deve ter no seu cotidiano. Como já apontamos no resumo, vamos nos focar na discussão de aspectos que, no nosso ponto de vista, são essenciais para o planejamento e para a realização de uma cobertura jornalística para a TV: evitar o sensacionalismo e a espetacularização e evitar o uso ou o reforço de estereótipos e preconceitos.

### **Evitar a Espetacularização e o Sensacionalismo**

A espetacularização na programação dos meios de comunicação pode ser vista como uma tendência na atualidade. Na televisão, são comuns as coberturas jornalísticas que levam ao ar debates sobre questões do cotidiano dos envolvidos nos fatos apresentados e que apresentam de forma detalhada as suas emoções. Acreditamos que a televisão tem natureza espetacular. Entretanto, consideramos que a espetacularização no telejornalismo também está relacionada a questões econômicas e é uma estratégia dos veículos de comunicação para atrair a atenção do público.

Há autores que defendem essa perspectiva de que o espetáculo no telejornal está vinculado às questões econômicas, como Canavilhas (2011). Ele salienta que uma “programação melhor” requer investimentos por parte do veículo de comunicação, os quais estão diretamente relacionados com as receitas publicitárias e com a audiência. E o aumento

da audiência ocorre com a apresentação de uma programação com características mais apelativas e espetaculares. Faz parte das reflexões do autor português a ideia de que é exigência do espetáculo que a realidade seja transmitida de forma dura, nua e crua.

Rezende (2000, p.25) é outro que concorda com a relação do espetáculo com a necessidade de faturamento das emissoras de TV:

O formato espetacular, comum às emissões de ficção e de realidade, representa a fórmula mágica capaz de magnetizar a atenção de um público tão diversificado. O espetáculo destina-se basicamente à contemplação, combinando, na produção telejornalística, uma forma que privilegia o aproveitamento de imagens atraentes – muitas vezes desconsiderando o seu real valor jornalístico – com um conjunto de notícias constituído essencialmente de *fait divers*<sup>4</sup>.

Ao definir espetáculo, destacamos o conceito de Debord (1997, p.14): “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. Nesta linha de pensamento, a sociedade está marcada pela construção de imagens, e o autêntico está sendo substituído pelo teatral, pela lógica da encenação. Para o pensador francês, o espetáculo tem amplas relações com o sistema capitalista e está em todo o meio social.

Ao pensarmos em exemplos de acontecimentos que receberam cobertura da televisão brasileira, e nos quais, ela se utilizou da espetacularização e do sensacionalismo, podemos falar da cobertura da morte de grandes personalidades e de desastres aéreos. Especificamente, é pertinente mencionar a cobertura ao caso da morte de Michael Jackson e, também, dos acidentes aéreos com o voo 3054 da TAM<sup>5</sup> e com o voo 447 da Air France<sup>6</sup>.

A morte de Jackson ganhou considerável espaço nos principais telejornais do Brasil e do mundo. Imagens detalhadas do funeral chegaram ao público; as emoções dos fãs e dos familiares do astro musical foram destacadas no ar; manifestações de choro foram exploradas; e a vida íntima do cantor acabou se transformando em enredo para um jornalismo melodramático. No caso do Jornal Nacional, podemos evidenciar que pautou boa parte do tempo em que ficou no ar nos dias que seguiram a morte do astro musical com

---

<sup>4</sup>Dejavite (2001) salienta que o termo *fait divers*, que foi introduzido Barthes, significa fatos diversos, que estão relacionados a escândalos, curiosidades e bizarrices.

<sup>5</sup> O acidente com o Airbus da TAM ocorreu no dia 17 de julho de 2007. Ao pousar no aeroporto de Congonhas (São Paulo), a aeronave não conseguiu frear, atravessou a Avenida Washington Luís e bateu contra um prédio da TAM Express. Houve explosão e incêndio. Cerca de 200 pessoas morreram. (Fonte: Folha Online)

<sup>6</sup> O voo 447 da Air France partiu, no dia 31 de maio de 2009, do Rio de Janeiro para Paris e acabou desaparecendo quando sobrevoava o Oceano Atlântico. O voo transportava 228 pessoas. (Fonte: Portal G1).

o caso. Outras pautas perderam espaço para os mínimos detalhes da morte de uma personalidade.

As coberturas dos acidentes aéreos com os voos 3054 da TAM e 447 da Air France não fugiram à perspectiva comum da espetacularização. No caso do acidente com o avião da TAM, o desespero dos familiares das vítimas foi a pauta principal de muitos telejornais por vários dias e testemunhas do acidente tiveram espaço para fazer da televisão um local para chorar.

No acidente com o voo 447 da Air France, a lógica do destaque às emoções dos familiares dos mortos e de toda a população marcou a cobertura. Neste caso, como o avião caiu no mar, a ausência de imagens específicas do desastre foi suprida pelas demonstrações de tristezas por parte dos enlutados e por possíveis destroços do avião.

Ao falarmos de coberturas de eventos relacionados à morte, cabe também uma discussão sobre o sensacionalismo. Neste contexto, se faz pertinente a exposição de Souza (2009, p.6): “Como indústria cultural do espetáculo e da diversão, a televisão divulga informações de ‘interesse do público’, muitas vezes carregadas de sensacionalismo”.

Crimes hediondos, mortes e catástrofes são alguns dos assuntos que estão constantemente presentes na imprensa sensacionalista. O sensacionalismo é caracterizado pelo pensador Ciro Marcondes Filho como um nutriente psíquico e como um desviante ideológico. “No fundo a imprensa sensacional trabalha com as emoções, da mesma forma que os regimes totalitários trabalham com o fanatismo, também de natureza puramente emocional” (MARCONDES FILHO, 1986, p. 90).

Angrimani Sobrinho (1995) salienta que o sensacionalismo mexe com as emoções dos espectadores e investe na exploração de suas fantasias. O jornalismo sensacionalista dá amplo espaço para pautas relacionadas à violência e à morte:

O jornal sensacionalista difere dos outros informativos por uma série de motivos específicos, entre os quais a valorização editorial da violência. O assassinato, o suicídio, o estupro, a vingança, a briga, as situações conflitantes, as diversas formas de agressão sexual, tortura e intimidação ganham destaque e merecem ser noticiadas no jornal sensação (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p. 56-57).

O sensacionalismo no jornalismo acaba evidenciando que princípios fundamentais no cotidiano das redações, como a objetividade e a imparcialidade, muitas vezes não são levados em consideração. Cabe destacar o pensamento de Melo (2006), que diz que a objetividade jornalística não está ultrapassada e que está relacionada com a pluralidade de versões na cobertura de um

acontecimento. A variação de versões está atrelada com uma observação abrangente e com a manifestação de diversas vozes no discurso jornalístico. Em muitos casos, em que os telejornais levam ao ar os fatos de forma espetacularizada, princípios fundamentais do jornalismo acabam sendo ignorados e a qualidade do produto final acaba sendo questionável. A observação dos princípios dos manuais de redação jornalística e a consideração a princípios fundamentais do jornalismo – como objetividade – pode se mostrar como uma alternativa plausível para o cotidiano dos jornalistas.

A partir das discussões apresentadas sobre espetacularização e sensacionalismo, salientamos que para falarmos em cobertura jornalística na televisão é fundamental que algumas reflexões sobre a postura profissional sejam realizadas pelo jornalista no decorrer do seu cotidiano. O profissional deve sempre levar em consideração a função social do jornalismo de informar e de contribuir para a formação de cidadãos; e ter em mente que atingir uma audiência significativa não é o único foco do jornalismo de televisão.

### **Fazendo uma Cobertura Jornalística**

Não é possível dar conta da totalidade de aspectos que constituem a realidade, entretanto, o exercício do jornalismo exige o cultivo da habilidade de, pelo menos, vislumbrar essa totalidade e antecipar as variáveis implicadas em cada cenário. Para tanto, compreendemos que é necessário empregar esforço em conhecer tanto a complexa e heterogênea conjuntura sociocultural e histórica na qual se configuram os eventos e temas que pautam uma cobertura jornalística, quanto as complexas e multimedias<sup>7</sup> relações que se estabelecem entre a produção e o consumo do discurso jornalístico. Isso porque, o discurso jornalístico é tanto uma representação da conjuntura sociocultural e histórica – bem como, das relações de poder que se configuram nela –, quanto um agente transformador ou conformador dela. E a cobertura jornalística em televisão, assim como em qualquer outro veículo de comunicação, faz parte do circuito da cultura<sup>8</sup> tanto no âmbito produtivo quanto no do consumo.

A fim de realizar com independência a cobertura de um evento ou tema, os jornalistas precisam reconhecer, portanto, que os processos de produção dela estão

---

<sup>7</sup>De acordo com Jesus Martín-Barbero (1987, p.233), as mediações são os lugares de onde “provém as constrições que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade social da televisão”.

<sup>8</sup>De acordo com Paul du Gay, Stuart Hall e outros autores (1997), para se obter uma plena compreensão de um texto ou um artefato cultural, é preciso estudá-lo no âmbito do “circuito da cultura”, ou seja, é necessário analisá-lo atentando para as articulações entre os processos de representação, identidade, produção, consumo e regulação.

articulados aos processos de consumo da mesma e atentar para as implicações disso em seu trabalho – procurando conhecer tais articulações. Afinal, as intrincadas relações entre produção e consumo de uma cobertura jornalística podem deixar marcas no próprio discurso jornalístico.

No caso de uma televisão cuja programação tem alcance nacional, os sentidos construídos na cobertura jornalística ofertada serão negociados<sup>9</sup> por diversos grupos sociais e culturais que se configuraram ao longo do processo histórico e se caracterizam pela dinamicidade, ou seja, eles não são fixos. Por isso, é necessário atentar para a complexidade e heterogeneidade do público e a dinâmica de reflexão/refração de interesses que se desenvolve nos processos de recepção ou nas apropriações e usos de uma cobertura jornalística – dinâmicas que os jornalistas não têm como controlar, mas precisam conhecer porque o discurso jornalístico é uma representação dessa realidade e atua na transformação ou conformação dela.

Quando falamos na cobertura televisiva de pautas polêmicas e, ao mesmo tempo presentes na sociedade brasileira, como violência e morte, a expectativa quanto aos meios de comunicação é a de que sejam instrumentos de vigilância e tenham seu foco na promoção de valores. Na prática do jornalismo cotidiano, nem sempre os meios atuam como mantenedores de valores; muitas vezes, trabalham assuntos polêmicos de forma a destacar o que eles têm de mais espetacular.

A finitude humana é um assunto considerado interdito nas sociedades ocidentais urbanas da atualidade (ARIÈS, 2003). Com o decorrer do processo histórico e com os costumes de despedida ficando cada vez mais “brandos”, chegamos, na atualidade, nas sociedades ocidentais urbanas aos tempos de morte interdita (utilizando a denominação de Philippe Ariès). Nesse contexto, em que a demonstração exagerada de emoções diante do fim da vida não faz mais parte dos costumes, é pertinente dizer que a televisão tem se mostrado como um espaço para o choro da morte e para a demonstração da dor da perda de uma pessoa querida. No espaço televisivo acaba se fazendo “um grande espetáculo” em torno da temática da finitude humana. Assim, a televisão deixa de observar as questões culturais relativas ao público receptor e desconsiderando as diferentes formas que as pessoas têm de pensar sobre o fim da vida.

---

<sup>9</sup>Por mais que se tente amarrar uma “mensagem” a um significado, ela não tem apenas um significado, motivo pelo qual Hall (2006, p. 350) fala em *código negociado* e sublinha a relevância das *comunidades interpretativas*.

Nesse sentido, também é necessário atentar para o fato de que o veículo de comunicação para o qual os jornalistas trabalham também é responsável pela produção de bens simbólicos<sup>10</sup> como as coberturas jornalísticas. Com isso, sublinhamos que, entre tantos outros aspectos implicados nas relações entre produção e consumo de uma cobertura jornalística, o seu potencial de consumo, ou seja, a audiência que ela pode vir a dar para uma emissora também pode deixar marcas no discurso jornalístico. É preciso, portanto, que os jornalistas atentem para isso e atuem criticamente tanto na elaboração e defesa de sua pauta, quanto na abordagem dos temas e eventos que vierem a cobrir.

Os apontamentos que fizemos até então não podem ser desprezados na realização de uma cobertura jornalística em televisão. Entretanto, atentar para tais aspectos não é o bastante. Os jornalistas precisam investir na contextualização sociocultural e histórica da cobertura. Isso significa conhecer os nexos socioculturais, históricos e econômicos que envolvem o evento ou o tema que se propõem a cobrir, evitando o uso de estereótipos e o reforço de preconceitos.

Para tanto, é preciso compreender que, de acordo com Lippmann (2008), os estereótipos podem ser positivos ou negativos, existem em todas as culturas, são construídos historicamente e têm um papel nas relações sociais – eles são utilizados para atribuímos, de imediato, sentido ao que nos causa estranhamento. Entretanto, mesmo que eles não sejam necessariamente negativos ou inverdades, simplificam demais aquilo que representam. Isso gera consequências adversas nos contextos culturais em que são utilizados e interpretados, e por isso, o seu uso deve ser evitado em uma cobertura jornalística.

A diferença entre o estereótipo e o preconceito é que o primeiro pode ser positivo ou negativo, enquanto o segundo é sempre uma *atitude negativa* em relação ao *outro*. Evidentemente, com isso ainda é possível dizer que os estereótipos negativos podem servir de base para a configuração do preconceito, dependendo do uso que fazemos deles. A fim de não reforçar preconceitos em uma cobertura jornalística, os jornalistas precisam saber identificá-lo. De acordo com Munanga (1978, p.145), preconceito é “(...) uma atitude negativa adotada por um grupo ou por uma pessoa, em relação a um outro grupo ou outra pessoa, baseada num processo de comparação social, segundo o qual o grupo de indivíduos julgador é considerado como ponto positivo de referência”. Conforme o autor, podemos

---

<sup>10</sup> De acordo com a definição que Pierre Bourdieu (1974) imprime ao conceito é possível inferir que a cobertura jornalística em televisão se constitui como um bem simbólico. Afinal, a cobertura jornalística em televisão se configura como um produto cultural ao qual pode ser conferido o *status* de mercadoria.

pontuar ainda que o preconceito pode se manifestar nas mais diversas dimensões da vida social e cultural.

A partir disso, podemos estabelecer também que, para realizar corretamente a contextualização de uma cobertura jornalística é preciso reconhecer a *diversidade*, ou seja, é possível pontuar diferenças e semelhanças entre grupos identitários. A *diversidade* é uma realidade tecida pelas trocas materiais e simbólicas e reafirmada ao longo da história da humanidade. Entretanto, quando uma cobertura jornalística imputa valores desiguais aos grupos sociais e culturais, tomando um deles como referência positiva e assumindo uma atitude negativa em relação a outro, entra em cena o preconceito. Assim como, quando os jornalistas constroem o seu discurso lançando mão de generalizações apressadas ou super-simplificadas, principalmente, ao caracterizarem os envolvidos em um evento ou tema que é objeto de cobertura jornalística, entram em cena os estereótipos.

Além dos apontamentos que fizemos até aqui, propomos ainda que, os jornalistas atentem para a *hierarquização* que eles imprimem em seu discurso às diversas vozes relacionadas ao evento ou tema que é objeto de cobertura. Norman Fairclough (1995, p. 81) sustenta nossa proposta, quando ressalta que no discurso jornalístico:

Algumas [vozes] são destacadas, outras marginalizadas. Algumas são usadas para enquadrar outras. Algumas são legitimadas ao serem citadas pelo apresentador ou pelo repórter, outras não. A equidade e o equilíbrio não podem ser apurados pela simples listagem de quais vozes estão representadas e, por exemplo, pelo espaço dado a cada uma delas; a rede de vozes é muitas vezes uma astuta ordenação e hierarquização de vozes.

Com isso, chamamos atenção para a importância da pluralidade de vozes no discurso. Em uma cobertura, é preciso que o jornalista empenhe o máximo possível para atender à pluralidade de vozes que constituem a realidade social e cultural. Isso porque, mesmo que a realização de uma cobertura jornalística se dê dentro de parâmetros éticos, primando pela busca da objetividade e do equilíbrio entre diferentes pontos de vista, a imparcialidade é uma meta almejada, mas inalcançável.

Diante disso tudo, apontamos que cabe aos jornalistas, sobretudo, o compromisso de atuarem em uma cobertura jornalística como mediadores da multiplicidade de discursos que configuram a vida social e cultural. Para tanto, esses profissionais precisam desafiar inclusive a sua própria visão de mundo, as opiniões que estabelecem e as representações

que constroem, fazendo-se, assim, capazes de *situarem-se* no lugar do *outro*<sup>11</sup>. É com o objetivo de colaborar para que esse compromisso seja cumprido que escrevemos esse texto.

### Considerações Finais

Nesse texto identificamos um dos problemas mais recorrentes em uma cobertura jornalística: o sensacionalismo e a espetacularização da notícia. Para enfrentar isso no cotidiano, destacamos alguns aspectos que merecem a atenção dos jornalistas:

- Evitar que a busca por audiência protagonize o processo produtivo de uma cobertura jornalística, lutando por espaço no telejornal e atuando criticamente tanto na elaboração e defesa de sua pauta, quanto na abordagem dos temas e eventos que vierem a cobrir;

- Realizar a contextualização sociocultural, histórica e econômica pertinente ao evento ou o tema que se propõem a cobrir;

- Evitar o uso de estereótipos e o reforço de preconceitos na construção de qualquer tipo de cobertura;

- Evitar a exploração emocional daqueles que estão diretamente envolvidos no evento ou tema que é objeto de uma cobertura;

- Mediar a pluralidade de vozes que constituem a realidade social e cultural, vigiando a hierarquização dessas vozes no discurso jornalístico;

- Considerar a complexidade e heterogeneidade do público e a dinâmica de reflexão/refração de interesses que se desenvolve nos processos de recepção ou nas apropriações e usos de uma cobertura jornalística, exercitando a capacidade de *situar-se* no lugar do *outro*.

Com isso, propusemos aos jornalistas um ponto de partida estratégico para realizar coberturas jornalísticas em televisão. Sem dúvida, a discussão em torno desses aspectos – entre outros, também relevantes para o trabalho de cobertura realizado pelos profissionais da área de Comunicação – não se esgota aqui e merece nossa atenção em futuras reflexões sobre o tema.

---

<sup>11</sup>Dentro de uma perspectiva antropológica, Clifford Geertz (1978), nos permite depreender que para interpretarmos a diversidade cultural, precisamos identificar as estruturas de significado em curso em contextos específicos, bem como, suas bases sociais e importância. Para tanto, ele propõe que o cientista social (no caso, o antropólogo) se *situe* no lugar do *outro*. Propomos que o jornalista, um profissional formado na área de Ciências Sociais Aplicadas, realize o mesmo movimento.

## Referências Bibliográficas

- ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (org. MICELI, Sérgio). São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CANAVILHAS, João. **Televisão: o domínio da informação-espetáculo**. In: <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Acesso em: 10 de dezembro de 2001.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEJAVITE, Fábila Angélica. O poder do *fait-divers* no jornalismo: humor, espetáculo e emoção. In:
- BARBOSA, Marialva. (org). **Estudos de Jornalismo I**. Edições do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação da UFF. Campo Grande: Intercom, 2001.
- DU GAY, Paul; HALL, Stuart; JANES, Linda; MACKEY, Hugh & NEGUS, Keith. (orgs.). **Doing Cultural Studies: the story of the Sony Walkman**. Londres: Sage/The Open University, 1997.
- EMERIM, Carlida; BRASIL, Antonio. **Coberturas em telejornalismo**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais. Recife: Intercom, 2011.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Media Discourse**. London: Edward Arnold, 1995.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. In: SOVIK, Liv. Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **De los Medios a las mediaciones**. Mexico: GG Mass Medéia, 1987.
- MELO, Jose Marques de. **Teorias do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e História: imprensa e construção da realidade**. São Paulo: Arte & Ciência - Villipress, 2001.
- MUNANGA, Kabengele. **Preconceito de Cor; diversas formas, um mesmo objetivo**. In: Revista de Antropologia, vol. 21, p. 145-153, São Paulo: USP, 1978.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SOUZA, Anamaíra Pereira Spaggiari. **Jornalismo policial sensacionalista:** entre a audiência e a função social. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. Anais. Curitiba: Intercom, 2009.